

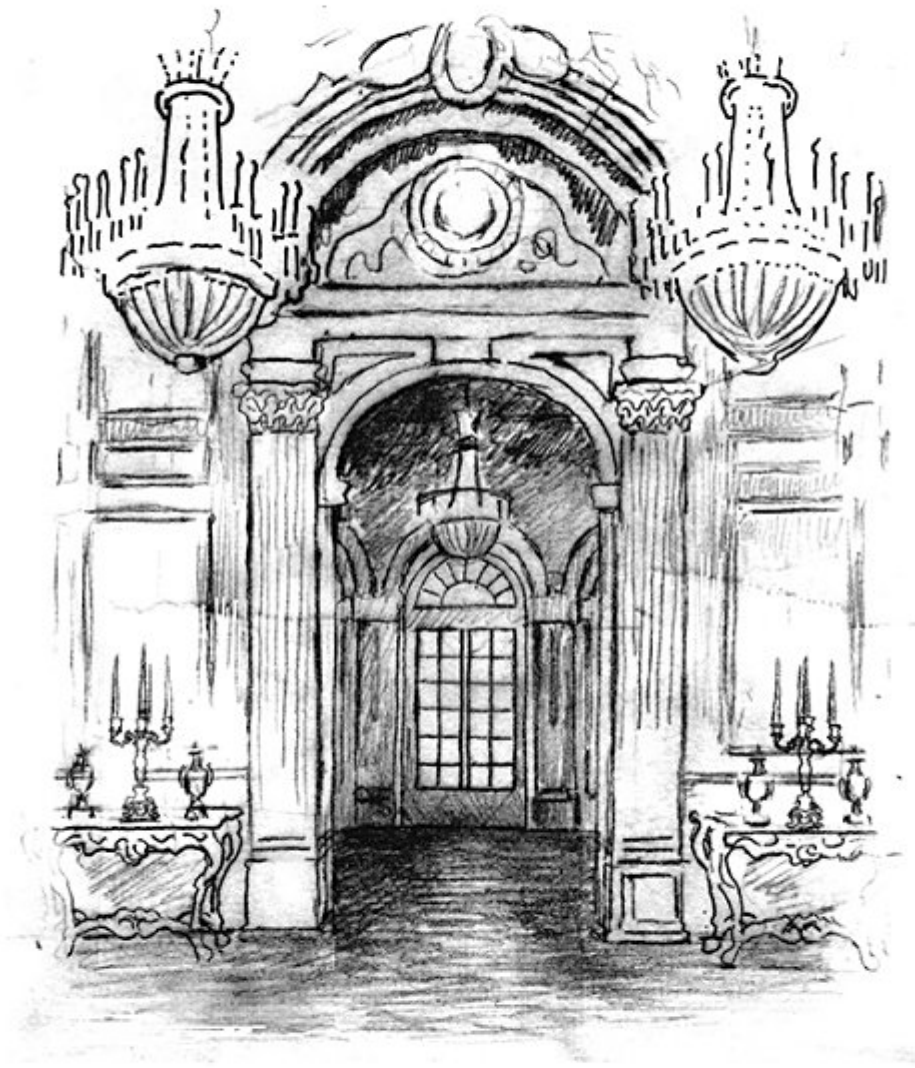


COMUNHÃO
DO
SANGUE

UMA HISTÓRIA DO PRÍNCIPE LESTAT

ANNE RICE

ROCCO PIZZALI



COMUNHÃO
DO
SANGUE
UMA HISTÓRIA DO PRÍNCIPE LESTAT

ANNE RICE

TRADUÇÃO
WALDÉA BARCELLOS

ROCCO EDITORA

Dedicado a
minha mãe
Katherine Allen O'Brien

E
à memória de
minha amiga,
Carole Malkin.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Créditos

A Autora

“Amo; logo existo.”

Capítulo 1

Sou o vampiro Lestat. Tenho um metro e oitenta de altura, olhos de um azul-acinzentado, que às vezes aparentam ser violeta, e uma compleição atlética e enxuta. Meu cabelo louro e cheio chega até os ombros; e, com o passar do tempo, vem clareando de modo que às vezes parece ser totalmente branco. Estou vivo nesta terra há mais de duzentos e cinquenta anos e sou realmente imortal, tendo sobrevivido a inúmeras agressões à minha pessoa, bem como à minha própria imprudência suicida, só para sair fortalecido disso tudo.

Tenho o rosto quadrado, os lábios cheios e sensuais, o nariz insignificante e talvez entre os mortos-vivos eu seja o de aparência mais convencional que vocês chegarão a ver. Quase todos os vampiros são lindos. Eles são escolhidos por sua beleza. Mas eu tenho o encanto enfadonho de um astro de cinema, compensado por uma expressão feroz e cativante. Falo uma variante rápida, fácil e contemporânea do inglês – depois de dois séculos de aceitação do inglês como a língua universal dos mortos-vivos.

Por que estou lhes contando tudo isso, vocês poderiam se perguntar – vocês, membros da Comunhão do Sangue, que agora me conhecem como o Príncipe? Será que não sou o Lestat descrito com tanto brilho nas rebuscadas memórias de Louis? Não sou o mesmo Lestat que se tornou um roqueiro famoso por um curto período na década de 1980, expondo ao público os segredos de nossa tribo em filme e música?

Sim, eu sou aquela pessoa, com toda a certeza, talvez o único vampiro conhecido pelo nome e pela aparência praticamente por todos

os bebedores de sangue do planeta. Sim, fiz aqueles vídeos de rock que revelaram nossos pais ancestrais, Akasha e Enkil, e mostraram como todos poderíamos perecer se um deles ou ambos fossem destruídos. Sim, escrevi outros livros depois de minha autobiografia; e, sim, sou de fato o Príncipe agora no comando, a partir de meu chateau nas montanhas remotas da França.

Só que faz muitos anos que me dirigi diretamente a vocês pela última vez; e alguns de vocês nem tinham nascido quando redigi minha autobiografia. Alguns só Nasceram para as Trevas em época muito recente; e pode ser que haja quem não acredite na história do Vampiro Lestat, como lhes foi contada – ou no relato de como Lestat se tornou o hospedeiro do Cerne Sagrado da tribo inteira, para então acabar sendo liberado daquele fardo e sobreviver como o governante de quem a ordem e a sobrevivência agora dependiam.

E não se deixem enganar: os livros *Príncipe Lestat* e *Príncipe Lestat e os reinos de Atlântida* foram escritos por mim. Tudo o que está relatado neles de fato aconteceu, e aqueles numerosos bebedores de sangue descritos nos dois livros estão retratados com precisão.

No entanto, chegou a hora de eu mais uma vez me dirigir a vocês com intimidade e moldar esta narrativa no meu próprio estilo informal e inimitável, à medida que lhes transmito tudo o que acho que deveriam saber.

E a primeira coisa que devo lhes dizer é que agora estou escrevendo para *vocês* – para meus companheiros bebedores de sangue, os membros da Comunhão do Sangue – e para ninguém mais.

É claro que este livro cairá nas mãos de mortais. Mas será encarado como ficção, por mais que seja óbvio que não se trata disso. Todos os livros das Crônicas Vampirescas são recebidos como ficção pelo mundo afora, e isso sempre foi assim. Os poucos mortais que interagem comigo nas proximidades do lar dos meus antepassados acreditam que sou um ser humano excêntrico que curte fingir ser vampiro, o líder de uma estranha seita de humanos com preferências semelhantes que se fazem passar por vampiros e se reúnem debaixo do meu teto para apreciar

retiros românticos, longe da movimentação do mundo moderno. Essa continua a ser nossa maior proteção, essa recusa cínica de nos ver como monstros reais, de verdade, numa era que talvez apresente maior perigo para nós do que qualquer outra em que tenhamos existido.

Mas não vou tratar dessa questão nesta narrativa. A história que vou contar tem pouco ou nada a ver com o mundo moderno. É uma história tão antiga quanto a própria atividade de contar histórias, sobre a luta de indivíduos para encontrar e defender seu lugar num universo atemporal, lado a lado com todos os outros filhos da terra, do sol, da lua e das estrelas.

Logo no início desta história, porém, é importante que eu diga que estava mais ressentido e confuso por minha natureza humana do que em qualquer outra época.

Se vocês voltarem à minha autobiografia, é provável que vejam o quanto eu queria que os humanos acreditassem em nós, como fui audacioso na configuração da minha narrativa em forma de desafio: venham, lutem conosco, tratem de nos exterminar! Corria em meu sangue francês somente uma versão aceitável da glória: entrar para a História entre homens e mulheres mortais. E, enquanto me preparava para meu único show de rock em San Francisco no ano de 1984, sonhei, sim, com uma batalha imensa, um confronto apocalíptico que despertaria os bebedores de sangue mais antigos e os atrairia de modo irresistível, enquanto os jovens seriam instigados com fúria e o mundo dos mortais se empenharia em erradicar de uma vez por todas o mal representado por nós.

Ora, aquela ambição não deu em nada. Em nada mesmo. Os poucos cientistas que tiveram a coragem de insistir que viram prova viva de nossa existência tiveram sua vida pessoal destruída, com somente pouquíssimos deles sendo convidados para se unir a nossas fileiras, passando com isso a gozar da mesma invisibilidade que protege a todos nós.

Com o tempo, sendo eu o rebelde e o moleque que sou, engendrei mais uma enorme sensação, descrita em meu livro de memórias,

Memnoch, e essa também buscava atrair um exame metuculoso por parte de mortais, um exame que poderia ter seduzido um número ainda maior de indivíduos desafortunados para terem a vida destroçada enquanto defendiam a ideia de que éramos de verdade. Mas esse rasgo transitório no tecido do mundo racional foi consertado de imediato por bebedores de sangue espertos, que eliminaram de laboratórios na cidade de Nova York todas as provas periciais de nossa existência. E no prazo de um mês, já havia desaparecido todo o entusiasmo gerado por mim e meu Sudário de Santa Verônica, com a relíquia em si indo parar nas criptas do Vaticano, em Roma. A Talamasca, uma antiga ordem de estudiosos, conseguiu mais tarde obter o Sudário e logo depois ele foi destruído. Tudo isso tem uma história, uma pequena história, por sinal, mas vocês não a encontrarão aqui.

A questão é que – apesar de toda essa agitação – nós continuamos com a mesma segurança de sempre em meio às sombras.

Para ser exato, este relato fala de como nós, vampiros do mundo, nos reunimos para formar o que agora chamo de Comunhão do Sangue; e de como eu me tornei não simplesmente o Príncipe, mas o verdadeiro governante da tribo.

Pode-se assumir um título sem realmente aceitá-lo. Pode-se ser ungido príncipe sem querer segurar o cetro. Pode-se concordar em liderar sem no fundo acreditar que se tem a capacidade para tanto. Todos sabemos que isso é verdade.

E assim foi comigo. Tornei-me Príncipe porque os anciãos de nossa tribo queriam que eu fosse. Eu tinha uma espécie de tranquilidade carismática diante da ideia, que outros não tinham. Mas, no fundo, não refleti sobre o que estava fazendo quando aceitei o título, ou quando me comprometi com ele. Em vez disso, agarrei-me a uma passividade egoísta nessa questão, supondo que a qualquer instante eu poderia me cansar daquela empreitada toda e ir embora. Afinal de contas, eu ainda era invisível e insignificante, um excluído, um monstro, um demônio predador, Caim, o assassino de irmãos e irmãs, um peregrino espectral numa viagem espiritual definida em termos tão restritos por minha

existência de vampiro que qualquer coisa que eu descobrisse nunca teria importância para ninguém, exceto como poesia, metáfora, ficção, e eu deveria encontrar consolo nisso.

Ah, gosto de ser o Príncipe, não se iludam. Adorei a rápida e fenomenal restauração do chateau de meus antepassados e do pequeno povoado que ficava logo abaixo na estreita estrada de montanha que não levava a parte alguma – e era sem dúvida um prazer ver o enorme salão repleto a cada noite com músicos e dançarinos sobrenaturais, que exibiam a incomparável brancura da pele, o cabelo cintilante, trajes de uma opulência extraordinária e inúmeras pedras preciosas. Qualquer um dos mortos-vivos era e é muito bem-vindo sob meu teto. A casa tem uma infinidade de salões pelos quais se pode perambular, salas em que é possível se acomodar para assistir a filmes em gigantescas telas planas, e bibliotecas em que se pode meditar em silêncio ou ler. No subsolo, há criptas que foram ampliadas para talvez abrigar a tribo inteira em segurança, na escuridão, mesmo que o chateau em si fosse atacado durante o dia e ardesse por cima de todos nós.

Gosto de tudo isso. Gosto de dar as boas-vindas a todos. Gosto de pegar os jovens novatos pela mão e levá-los a nossos closets de onde podem tirar qualquer traje que queiram ou de que precisem. Gosto de observá-los despir seus trapos e queimá-los numa das numerosas lareiras. Gosto de ouvir em toda a minha volta o murmúrio suave e irregular de vozes sobrenaturais conversando, até mesmo discutindo, bem como de ouvir o ritmo baixo, vibrante, de pensamentos sobrenaturais.

Mas quem sou eu para governar outros? Fui consagrado Príncipe Moleque por Marius, antes mesmo de pôr os pés naquele palco de rock décadas atrás. E eu sem dúvida era um moleque. Marius tinha criado esse pequeno rótulo para mim quando se deu conta de que eu estava revelando ao Mundo dos Vampiros tudo o que ele tinha me transmitido com a advertência de que eu deveria guardar segredo sob pena de ser destruído. E uma legião de outros acolheu o título, usando-o agora com tanta facilidade quanto a simples designação de Príncipe.

Não é nenhum segredo para os anciãos por toda parte que eu jamais me curvei a autoridade alguma, que destrocei a seita dos Filhos de Satã quando fui aprisionado por eles no século XVIII, que desrespeitei até mesmo as regras mais informais com minha aventura no mundo do rock e mereci grande parte da condenação de que fui alvo por minha imprudência.

Tampouco me curvei diante de Memnoch.

E não me curvei diante do Deus Encarnado, que me apareceu no etéreo reino espiritual para o qual Memnoch me arrastou, levando-me à estrada estreita e poeirenta que seguia até o Calvário na antiga cidade de Jerusalém. E, não tendo dado a mínima para nenhum ser que um dia tentou me controlar, eu parecia ser a pessoa mais improvável para assumir a monarquia dos mortos-vivos.

No entanto, quando esta história se inicia, eu já a tinha aceitado. Eu a tinha aceitado total e completamente; e por uma única e simples razão. Queria que nós – nós, os vampiros deste mundo – sobrevivêssemos. E não queria que nos agarrássemos à periferia da vida, vestígios desgraçados de bebedores de sangue errantes, lutando entre nós nas horas da madrugada em disputa por territórios urbanos populosos, incendiando os abrigos e refúgios deste ou daquele inimigo, procurando nos destruir uns aos outros pelos mais mesquinhos interesses humanos ou vampirescos.

E era nisso que tínhamos nos transformado antes que eu aceitasse o trono. É exatamente isso o que nós éramos – uma tribo sem pais, nas palavras de Benji Mahmoud, o pequeno vampiro genial que conclamou os anciãos de todas as eras a se apresentar e a cuidar de seus descendentes, a nos trazer ordem, leis e princípios, para o bem de todos.

O bem de todos.

É de uma dificuldade extrema promover o bem de todos quando se acredita que “todos” são maus, abomináveis por sua própria natureza, sem nenhum direito de respirar o mesmo ar que os seres humanos. É quase impossível cogitar o bem-estar de “todos” quando se está tão

dominado pela culpa e pela confusão que a vida parece ser pouco mais do que uma agonia, a não ser por aqueles momentos de êxtase avassalador quando se está bebendo sangue. E é assim que a maioria dos vampiros pensa.

É claro que eu nunca tinha engolido a ideia de que fôssemos malignos ou abomináveis. Nunca tinha aceitado que fôssemos maus. Sim, eu bebia sangue, tirava a vida e causava sofrimento. Mas vivia em luta constante com as condições óbvias de minha existência, a sede de sangue de minha natureza e minha imensa vontade de sobreviver. Eu conhecia muito bem o mal inerente aos humanos e tinha uma explicação simples para ele. O mal deriva simplesmente do que precisamos fazer para sobreviver. Toda a história do mal neste mundo está relacionada ao que os seres humanos fazem uns aos outros a fim de sobreviver.

Mas acreditar nessa explicação não significa vivenciá-la a cada minuto. A consciência é uma entidade nada confiável, às vezes distante como algo desconhecido, às vezes dominando o instante presente com tormento e dor.

E, ao lutar com uma consciência pesada, eu também lutava com minha paixão pela vida, minha avidez pelo prazer, a música, a beleza, o conforto e a sensualidade, pelo inexplicável deleite com a arte – e pelo enigma deslumbrante de amar tanto outro ser que o mundo inteiro parecia depender desse amor.

Não, eu não achava que fôssemos do mal.

Mas tinha adotado o jargão da autoaversão. Tinha feito piadas sobre percorrer a Estrada do Diabo e sobre fulminar como a mão de Deus. Tinha usado nosso desprezo por nós mesmos para aliviar minha consciência quando destruí outros bebedores de sangue; eu o tinha usado quando escolhi a crueldade por conveniência, apesar de outros caminhos estarem disponíveis. Eu tinha humilhado e insultado os que não sabiam ser felizes. Sim, eu estava determinado a ser feliz. E lutava com fúria em busca de meios para ser feliz.

E, sem admitir isso, eu tinha me acostumado à antiga ideia sacrossanta de que éramos inerentemente do mal e não tínhamos um lugar no mundo, nenhum direito de existir.

Afinal de contas, foi o próprio Marius, o antigo romano, quem me disse que éramos do mal, que o mundo racional não tinha espaço para o mal, que o mal jamais poderia se integrar de fato num mundo que tinha chegado à crença no verdadeiro valor de ser do bem. E quem era eu para questionar o grande Marius, ou para me dar conta de como sua existência era solitária e de como ele era dependente de cuidar do Cerne da vida vampiresca para aqueles que tão tranquilamente tachava de maus?

Por mais confuso que eu estivesse a respeito disso tudo, não desempenhei nenhum papel numa revolução social pelos bebedores de sangue. Não. Foi outra pessoa que questionou os antigos pressupostos sobre nós com uma simplicidade infantil que transformou nosso mundo.

Benji Mahmoud, Nascido para as Trevas aos doze anos, beduíno de origem, foi o bebedor de sangue que transformou todos nós.

Criado pelo poderoso Marius, com seus dois mil anos de idade, Benji não queria saber de ideias de culpa inata, de um compulsório ódio a si mesmo e da inevitabilidade do tormento mental. A filosofia não significava nada para ele. A sobrevivência era tudo. E ele tinha uma visão diferente – a de que os bebedores de sangue do mundo poderiam formar uma tribo forte e duradoura de imortais, caçadores da noite que respeitavam uns aos outros e exigiam o respeito recíproco. E, a partir dessa simples convicção no apelo audacioso de Benji, minha monarquia com o tempo veio a surgir.

E é somente num estilo informal e descontraído que posso lhes falar sobre como acabei aceitando ser o monarca.

Vocês verão que o relato está coalhado de divagações, e pode haver ocasiões em que suspeitem que as divagações são a história em si. E talvez estejam certos. Mas, não importa qual seja o caso, esta é a história que tenho para contar sobre como aceitei o que outros me

ofereceram e como vim a saber exatamente quem nós, criaturas da noite, realmente somos.

Ah, não se preocupem. Não são só reflexões íntimas e transformação interior, por assim dizer. Há ação. Maquinações. Perigo. E, sem dúvida, houve surpresas para mim.

Mas vamos direto à história, está bem?

Enquanto ela começa, ainda estou fazendo um enorme esforço para atender às exigências da vida na corte, para encontrar algum equilíbrio entre as expectativas do Conselho de Anciãos e meus próprios desejos desenfreados de aprimorar e enriquecer a corte, que estava atraindo bebedores de sangue de todos os cantos do mundo. Estou longe de acreditar nela num sentido profundo, apenas pegando carona na paixão da crença de outros; e acho que sei o que significa ser Príncipe, mas não sei.

Eu esperava que a corte perdurasse? Não, não mesmo. Não, porque todos os esforços que eu já tinha presenciado para a criação de um refúgio duradouro para os mortos-vivos haviam fracassado com o passar do tempo. E muitos dos que vinham à corte tinham a mesma impressão que eu. “Isso também há de passar”, eles não hesitavam em dizer, mesmo enquanto nos transmitiam seus melhores votos.

Mas eu queria que a corte perdurasse, queria mesmo.

Portanto, começo a narrativa numa noite em que Marius, o Filho dos Milênios, da Roma antiga, num ataque de irritação demonstrou sua impaciência com o que ele descreveu como meus “entusiasmo e otimismo repugnantes” diante do mundo em geral.

Naquela noite, no grande salão do chateau havia um baile, como quase sempre, nas sextas à noite. Nevava (está sempre nevando ao longo de toda essa narrativa), e as coisas tinham estado relativamente simples e movimentadas na corte durante os dois ou três meses precedentes. E eu estava de excelente humor, acreditando que tudo transcorria às mil maravilhas. Sim, tudo aquilo acabaria por desmoronar, mas por enquanto tudo ia bem.

Marius, observando os pares que dançavam sob o suave brilho dourado dos candelabros, falou comigo com uma voz áspera e fria.

– No final, todos irão decepcioná-lo.

– Do que é que você está falando? – perguntei. Suas palavras tinham me atingido com um impacto enorme, e eu queria voltar a ouvir a música, a observar os que dançavam ao seu som e a olhar para a neve que caía para além das portas abertas para o terraço. Agora, por que Marius, sentado ali no banco ao meu lado, precisava dizer algo tão sinistro?

– Porque você, Lestat, se esqueceu de algo absolutamente essencial acerca de nossa natureza. E, mais cedo ou mais tarde, eles irão lembrá-lo disso.

– E o que é? – indaguei. Nunca fui um aluno bem-educado. – Por que numa hora como esta você precisa inventar dificuldades?

Ele encolheu os ombros. Cruzou os braços e se recostou na parede revestida de estuque atrás de nós, com os olhos contemplando o salão de baile. Seu cabelo comprido, de um louro quase branco, estava puxado para trás e preso com uma presilha de ouro na nuca; e ele deixava transparecer um ar descontraído, de contentamento, naquela sua túnica solta de veludo vermelho, um ar que destoava totalmente do modo com que estava estragando o momento para mim.

– Você se esqueceu – disse ele – de que somos assassinos por natureza. Não! Ouça o que digo. Só preste atenção. – Ele pôs a mão sobre a minha, mas manteve os olhos nos pares que dançavam. – Você se esqueceu de que o que nos distingue dos seres humanos e sempre há de nos distinguir é o fato de que nós caçamos seres humanos e adoramos matá-los. Você está tentando fazer de nós anjos da escuridão.

– Não mesmo. Nunca me esqueço do que somos.

– Cale-se – disse ele. Continuou a falar, passeando os olhos lentamente pelo salão. – Logo você vai precisar se conformar com o que somos. E com o fato de que somos criaturas mais simples do que os seres humanos, criaturas às quais é permitido um único e supremo ato criativo e erótico, e esse é o ato de matar.

Fiquei magoado.

– Não me esqueci disso nem por um único momento isolado – disse eu, com um olhar furioso. – Nunca me esqueço disso. Como eu poderia esquecer? O que eu não daria, neste exato instante, por uma única vítima doce e inocente, uma meiga... – Parei de falar. Estava indignado por ele estar sorrindo.

Era só um sorrisinho.

– Por que cargas-d’água você foi tocar nesse assunto agora? – perguntei.

– Você não sabe? – retrucou ele, olhando para mim. – Não está sentindo? – Seus olhos estavam fixos em mim, e ele aparentava uma sinceridade sem esforço, quase uma bondade. – Eles todos estão esperando por alguma coisa.

– Ora, o que mais eu posso lhes dar nesta terra? – protestei.

Naquela noite, nossa conversa foi interrompida.

Alguma coisa nos separou.

Já não me lembro exatamente do que foi. Fomos interrompidos. Mas não me esqueci dessa pequena troca de ideias na penumbra junto às paredes do salão de baile enquanto apreciávamos os outros dançando.

Algumas noites depois, bem na hora do crepúsculo, acordei para ouvir a notícia perturbadora de que uma gangue de bebedores de sangue briguentos e desgarrados tinha aterrorizado, nos confins de Louisiana, um antigo imortal que estava solicitando minha ajuda; e também que nossos queridos amigos, os imortais Filhos de Atlântida, uma tribo de seres estranhos com quem compartilhávamos as sombras, tinha abandonado seu novo complexo rural na Inglaterra, para se abrigar nas imensas torres da indústria farmacêutica de Gregory Collingsworth, na periferia de Paris.

Questões para o Príncipe, e o Príncipe se atirou a elas. E esta é a história de tudo o que se seguiu.

Capítulo 2

O extermínio do bando de rebeldes desgarrados em Louisiana foi inevitável. Eles tinham sido avisados para se manterem afastados de Nova Orleans, onde se sabia que agrediam outros bebedores de sangue e causavam destruição suficiente para ser incluída no noticiário local. E dessa vez, eles não só tinham violado a paz ao atacar o imóvel de um imortal mais antigo, que implorou por socorro, mas também tinham arrombado minha casa na rue Royale, roubado roupas de meus closets e baús, e dilacerado, de modo estúpido, um quadro impressionista sem importância, porém belo, ao qual Louis era afeiçoado.

Agora, é provável que vocês saibam muito bem quem é Louis e o que ele significa para mim. Mas, para as crias mais recentes, direi aqui algumas palavras a esse respeito.

Louis de Pointe du Lac era um proprietário de terras na Louisiana francesa dos tempos coloniais quando lhe passei o Sangue das Trevas em algum ponto antes do fim do século XVIII. Pouco depois, principalmente com o intuito de prendê-lo a mim, porque eu o amava muito, eu trouxe para nossa família uma criança-vampiro; e nós três moramos juntos em relativa paz por sessenta anos no velho bairro francês de Nova Orleans.

Tudo isso foi descrito em detalhes por Louis na primeira das Crônicas Vampirescas, publicada há mais de quarenta anos. Naquele livro, Louis contou a história de sua vida, bem como a história de sua busca por alguma coisa que conferisse significado a sua dolorosa

existência como vampiro. Era uma história trágica, com um final trágico. E foram as mentiras abomináveis de Louis a meu respeito, intencionais e não intencionais (algumas pessoas não deveriam ter direito à licença poética), que me levaram a escrever minha própria autobiografia e contar os segredos de Marius ao mundo inteiro.

Bem, Louis e eu nos reconciliamos algumas vezes; e, desta vez, na corte na França, nossa reconciliação está perdurando. A meu pedido, ele deixou aquele quadro impressionista no velho apartamento da rue Royale, e agora esses facínoras desgraçados cometeram o absurdo de destruí-lo.

Mas foi o apelo do vampiro mais velho que me forçou a atravessar o Atlântico para um acerto de contas. Um imortal que eu nunca tinha conhecido, chamado Dmitri Fontayne, escrevera para mim em pergaminho a tinta nanquim, numa incrível caligrafia antiga, um relato de como esse bando de rebeldes tinha tentado incendiar sua casa na região dos alagados, roubado seus cavalos e assassinado, sem dó nem piedade, seus dois criados mortais.

Eles não podiam ficar impunes.

Portanto, lá fui eu à Louisiana, com meus dois guarda-costas, Thorne e Cyril, aos quais estou cada vez mais afeiçoado, o que é bom porque eles me acompanham a toda parte.

Ora, antes havia uma razão de importância vital para isso, pois houve um tempo em que eu portava dentro de mim o Cerne Sagrado, a inteligência chamada Amel a quem todos os vampiros do planeta estavam ligados. Se eu tivesse sido destruído naquele período, todos os bebedores de sangue do mundo teriam perecido comigo.

Mas já não trago dentro de mim o Cerne Sagrado. Na realidade, nem eu nem ninguém. Amel foi libertado, e seu intelecto agora reside num novo corpo de carne e osso, que lhe foi fornecido por nossos companheiros imortais, os Filhos de Atlântida.

Uma vez realizado esse feito, eu calculava que perderia Thorne e Cyril. Tinha certeza de que eles declarariam que já não havia razão para me proteger. Mas, para minha surpresa total, ambos insistiram em

ficar comigo. E o Conselho de Anciãos pediu-lhes formalmente que permanecessem, explicando que eu ainda era o Príncipe e que a contínua vitalidade da corte dependia de mim.

Foi para mim como que um pequeno choque, mas não desagradável. Ele assinalou uma percepção mais profunda do quanto minha presença era indispensável no chateau, e eu não tinha por que me queixar de ser necessário, respeitado e requisitado.

E lá fomos nós, os três, em busca dos canalhas que rondavam Nova Orleans.

Não vou relatar em detalhes como os aniquilamos. Não senti o menor prazer. Em cada caso, me certifiquei de que o rebelde de fato tinha sido avisado, que estava determinado a fazer o mal e acreditava que nós, os antigos, estávamos somente nos vangloriando de poderes que não possuíamos. E então eu os destruí. Usei o Dom do Fogo – ou a capacidade telepática de incendiá-los – e a ele associei um forte impacto telecinético que lhes espatifou a cabeça antes que desaparecessem numa nuvem de fumaça. Não quis que sofressem. Quis que sumissem. Haviam tido a oportunidade de percorrer a Estrada do Diabo e, por nada, tinham ferido outro bebedor de sangue, sem nenhum motivo razoável, e assassinado dois humanos que lhe eram benquistos.

Mas tudo isso me perturbou. O chefe da gangue, o último a morrer, tinha me perguntado com que autoridade eu ia tirar sua vida, e realmente não tive uma boa resposta a lhe dar. Afinal de contas, eu vinha sendo o Príncipe Moleque havia décadas, não é mesmo? A pergunta me atingiu. É claro que eu poderia ter desfiado uma ladainha de razões da boca para fora, mas não o fiz.

E quando tudo terminou, e nada restava desses novatos inconsequentes além de poças de gordura escura no alto dos telhados em que tinham caído, senti um leve asco e uma sede desesperada.

Thorne, Cyril e eu passamos uma hora caçando. Minha fissura por sangue inocente era praticamente insuportável, como de costume. Por isso, tratei de me contentar com o tormento infernal do Pequeno Gole,

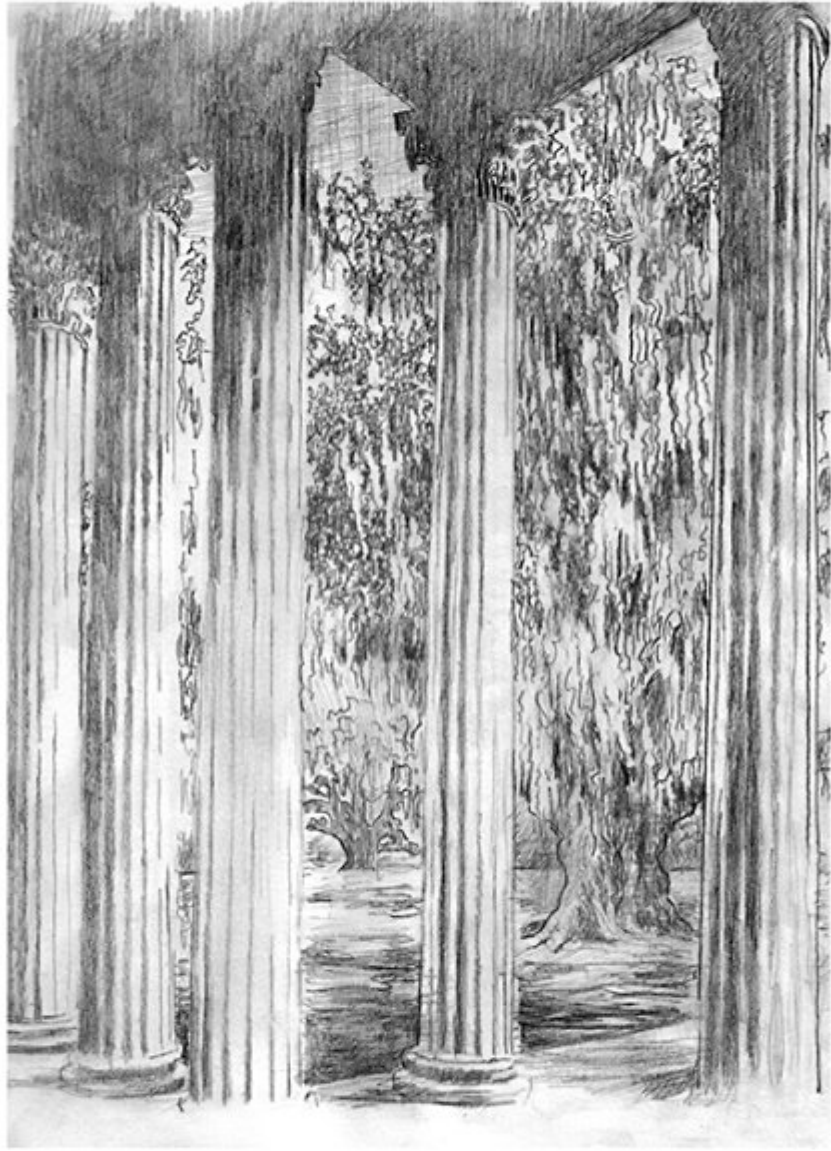
de uma infinidade de vítimas jovens, cativantes, tenras, na penumbra de uma casa noturna qualquer, aglomeradas diante do palco no qual uma cantora de música folk entoava lamentos delicados com um sotaque arrastado de sulista que fazia com que ela parecesse ligeiramente britânica.

Depois, saí andando. Só andando. Caminhei pelas calçadas de Nova Orleans, que não são como nenhuma outra calçada no mundo: algumas de lajes de pedra, algumas de tijolos dispostos em espinha de peixe, algumas de cimento rachado e fragmentado, muitas perigosamente arreventadas pelas raízes de árvores, algumas cobertas de grama alta, sem aparar, outras escorregadias com um musgo verde aveludado e algumas até com antigos nomes de ruas incrustados em letras azuis.

Nova Orleans, minha Nova Orleans.

Por fim, voltei a meu apartamento e examinei o quadro destruído. Deixei um bilhete para meu advogado local para que ele o mandasse restaurar, elogiei seus esforços em fazer o possível para limpar a bagunça, e então me sentei em minha poltrona dourada preferida na sala de estar, no escuro, vendo os faróis da Royale cruzarem o papel de parede do teto de um lado a outro. Adoro os sons do French Quarter em noites amenas... o riso, a tagarelice, a alegria, o jazz Dixieland saindo pelas portas abertas, as batidas pesadas do rock em algum lugar – uma farra permanente.

Na noite seguinte, fomos à região dos alagados procurar a residência de Dmitri Fontayne, o bebedor de sangue de caligrafia elegante.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Comunhão do sangue"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).